

AMY SCHUMER



A
GAROTA
COM A
TRIBAL
NAS
COSTAS

A
GAROTA
COM
A
TRIBAL
NAS
COSTAS

A GAROTA COM A
TRIBAL NAS COSTAS

AMY SCHUMER

TRADUÇÃO DE ANDREA GOTTLIEB
E CATHARINA PINHEIRO



Copyright © 2016 by Amy Schumer
Alguns nomes e características foram alterados ao longo do livro,
independentemente de tais mudanças terem ou não sido indicadas
no texto.

TÍTULO ORIGINAL
The Girl with the Lower Back Tattoo

PREPARAÇÃO
Nina Lua

REVISÃO
Juliana Souza

DIAGRAMAÇÃO
Kátia Regina Silva | Babilonia Cultura Editorial

DESIGN DE CAPA
Lisa Litwack

FOTOS
Mark Seliger

ADAPTAÇÃO DE CAPA
ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S419g

Schumer, Amy

A garota com a tribal nas costas / Amy Schumer ; tradução
Andrea Gottlieb, Catharina Pinheiro. – 1. ed. – Rio de Janeiro :
Intrínseca, 2016.

336 p. ; 23 cm.

Tradução de: The girl with the lower back tattoo
ISBN 978-85-510-0084-7

I. Crônica americana. I. Gottlieb, Andrea. II. Pinheiro,
Catharina. III. Título.

16-35997.

CDD: 818
CDU: 821.111(73)-8

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Kimby e Jasy

SUMÁRIO

Nota para os meus leitores	9
Carta aberta a minha vagina	11
Minha única noite de sexo casual	13
Sou introvertida	23
Sobre ser um novo rico	33
Uma apresentação dos meus bichinhos de pelúcia	48
Papai	53
Trecho do meu diário em 1994 (treze anos)	
com notas de rodapé de 2016	67
Oficialmente mulher	72
Acampamento Anchor	77
Como perdi a virgindade	90
Coisas que você não sabe sobre mim	99
A minha lábia	103
Trecho do meu diário em 1999 (dezoito anos)	
com notas de rodapé de 2016	117
Eu fingi até conseguir	121
Trecho do meu diário em 2001 (vinte anos)	
com notas de rodapé de 2016	133

Linda e forte	137
Trecho do meu diário em 2003 (vinte e dois anos) com notas de rodapé de 2016	149
Como se tornar um comediante de stand-up	151
Quando é aceitável que um homem não faça uma mulher gozar durante o sexo	177
A pior noite da minha vida	178
Coisas que me deixam com muito ódio	190
Atletas e músicos	195
Carta ao editor	207
Maus hábitos secretos	218
Mamãe	232
Apartamentos de Nova York	249
Apagões e células-tronco	261
Uma época maravilhosa para as mulheres em Hollywood	275
Mayci e Jillian	285
Coisas que me deixam feliz	295
O sol vai voltar amanhã	299
O que quero que digam no meu funeral	314
Guia para o funeral de Amy Schumer	316
Minha tribal nas costas	321
Agradecimentos	331

NOTA PARA OS MEUS LEITORES

Oi, sou eu, a Amy. Escrevi um livro! Isso é algo que eu já queria ter feito há muito tempo, porque adoro fazer as pessoas rirem e se sentirem melhores. Algumas das histórias que você vai ler aqui são engraçadas, como a da vez em que eu caguei nas calças em Austin; e algumas vão fazer com que você se sinta um pouco triste, como a de quando minha irmã e eu quase fomos vendidas para o tráfico de escravas sexuais na Itália. Brincadeira. Essas histórias não estão no livro, mas são reais, infelizmente.

Por falar nisso, tudo que está aqui aconteceu mesmo. É tudo verdade, somente a verdade, nada mais que a verdade. Mas não é *toda a verdade*. Acreditem ou não, eu não conto tudo a vocês.

Este livro não é a minha autobiografia. Vou escrever uma quando tiver noventa anos. Acabei de fazer trinta e cinco, então tenho um longo caminho pela frente até que valha a pena compartilhar as minhas memórias. Mas, por enquanto, eu queria dividir estas histórias da minha vida como filha, irmã, amiga, comediante, atriz, namorada, companheira para sexo casual, funcionária, chefe, amante, lutadora, implicante e consumidora de massa e vinho.

Também quero esclarecer que este NÃO É UM LIVRO DE AUTOAJUDA NEM DE CONSELHOS. Há anos as pessoas me pedem para escrever artigos sobre assuntos do tipo como arrumar um homem. Ou como segurar um homem. Ou como massagear o períneo de um homem na hora certa. Não sei fazer nada disso. Sou uma fracassada cheia de defeitos e não entendo nada, portanto não tenho nenhuma sabedoria para oferecer. O que *posso* fazer por você é mostrar meus erros, minha dor e meu riso. Sei o que é importante para mim: minha família (quer dizer, pelo amor de Deus, não toda a minha família, só uma parte dela); rir e aproveitar a vida com os amigos; e, é claro, ter um orgasmo de vez em quando. Acho que pelo menos uma vez por dia é o ideal.

Então, espero que você goste do meu livro. Se não gostar, por favor, não conte a ninguém.

Deseje-me sorte!



CARTA ABERTA A MINHA VAGINA

Em primeiro lugar, me desculpe. Em segundo lugar, de nada.

Sei que já fiz você passar por poucas e boas. Por minha causa, já derramaram cera quente em você, e seu cabelo foi arrancado por estranhos. Alguns desses estranhos a queimaram, apesar de eu ter dito que você tinha a pele sensível. Mas a culpa foi minha por ter ido a um lugar sinistro em Astoria, no Queens, que mais parecia um estabelecimento de fachada para venda de drogas. Fui a responsável por você ter pegado candidíase e infecções urinárias, e por ter usado meias-calças e lycra por tempo demais, mesmo sabendo que isso poderia lhe causar problemas. Quero me desculpar também por Brad, do time de lacrosse, que usou aquele dedo como se você estivesse lhe devendo dinheiro. Aquilo foi terrível, e a entendo completamente por ter ficado chateada. Mas você também teve muitos visitantes legais, não é? Hein? Você tem que admitir que nos divertimos muito juntas. Eu até lutei para poder chamá-la de “xoxota”, seu apelido favorito, na televisão.

Honestamente, à medida que fui ficando mais velha, fiz o melhor que pude para só permitir a entrada de visitantes que a tratassem bem,

e acho que fiz a minha parte para mantê-la saudável. Sei que às vezes deixo entrarem em você sem camisinha, mas, em minha defesa, a sensação é muito melhor, e essas pessoas foram só aquelas com quem eu namorei e em quem confiei. Bem, pelo menos na maioria das vezes. Mas a gente teve muita sorte, não acha?

Sinto muito por aquela vez em que transei com o meu então namorado e depois não conseguimos encontrar a camisinha, e aí, três dias depois, percebi que ela estava dentro de mim. Tive que fazer força para pescá-la. Não deve ter sido muito legal para você. Ou será que foi divertido ter uma visita por tanto tempo? Seja como for, foi mal!

Então, o que você me diz? Vamos tomar uma cerveja? Ah, tem levedura. Tudo bem, você venceu, nada com fungos. E você paga!

MINHA ÚNICA NOITE DE SEXO CASUAL

Só fiz sexo casual uma vez na vida. Isso mesmo, uma. Eu sei, sinto muito se decepcionei alguém que acha que estou sempre com uma margarita na mão e um consolo na outra. Talvez esse mal-entendido tenha origem no fato de que, no palco, relato as minhas memórias sexuais mais selvagens e escusas — um total considerável de cerca de cinco experiências no curso de trinta e cinco anos. Quando alguém me ouve contá-las todas de uma vez, deve achar que a minha vagina é uma porta automática de uma loja de departamentos na época do Natal. Mas falo dessas poucas desventuras porque não é nada engraçado ou interessante ouvir sobre a vida sexual saudável e rotineira de alguém. Imagine se eu chegasse no palco e dissesse: “Então, ontem à noite eu fui para a cama com o meu namorado, nos abraçamos com muito carinho, e depois ele fez amor comigo.” A plateia iria embora, e eu iria junto.

Além do mais, às vezes até eu mesma confundo a persona sexual que assumo no palco com a minha verdadeira personalidade racional e sensível. De vez em quando, tento me convencer de que posso fazer

sexo sem emoção, do tipo sobre o qual sempre ouço os homens e Samantha de *Sex and the City* falarem. E tenho os meus momentos de desprendimento, mas em 99,9% do tempo não sou assim. Nunca fiquei com um cara depois de uma das minhas apresentações. Isso não é triste? Já faz doze anos que faço turnês, e não houve nem uma vez em que tenha descido do palco, conhecido um homem e o levado para casa, ou pelo menos dado uns amassos nele ali mesmo. Nada. Alguns comediantes homens que conheço dizem que nunca conseguiram transar com uma garota que não tenha assistido ao show deles antes. Comigo acontece exatamente o oposto. Não estou nesse negócio pelos paus. Gosto de sexo numa medida normal, e em geral transo com alguém com quem esteja namorando, e eu simplesmente fico lá deitada, feliz, com as pernas para cima, produzindo sons de prazer. Quando estou solteira e o sexo casual se torna uma opção, normalmente continuo me protegendo um bocado, e a ideia de um pênis desconhecido entrando em mim não me excita. Bem, exceto daquela vez...

Eu estava em turnê viajando entre duas cidades horrendas: Fayetteville, Carolina do Norte, e Tampa, Flórida. Não tenho medo de deixar o pessoal dessas cidades com raiva ao ler isso, pois tenho certeza absoluta de que nenhum dos habitantes desses lugares leu um único livro que seja na vida. Brincadeirinha. Só que não. Quando você viaja entre cidades como essas, tem o prazer de voar num veículo minúsculo que, por alguma razão, ainda é chamado de avião. É preciso se abaixar para entrar, e você passa o voo inteiro ouvindo as hélices e também alguém cantando baixinho “La la la la la bamba”, embora tenha esperança de que esse último som esteja só na sua cabeça.

Era muito cedo, e eu estava de ressaca. Como já disse, eu havia me apresentado em Fayetteville, e por lá não há nada a se fazer, a não ser beber até que seus olhos se fechem por conta própria. Cheguei ao aeroporto como de costume — sem maquiagem, sem sutiã,

usando calça de moletom, camiseta e sapatilhas. Não sou o tipo de pessoa que tem uma aparência adorável pela manhã. Eu diria que pareço o Beetlejuice — o personagem de Michael Keaton, e não o convidado habitual do programa de Howard Stern. Eu estava curtindo aquele momento maravilhoso da vida em que ninguém tirava fotos minhas a não ser que eu passasse na frente da câmera de alguém por acaso. Eu era apenas uma fantástica garota de trinta e um anos abrindo e fechando a boca para checar o hálito e percebendo que havia me esquecido de escovar os dentes — bem, eu não tinha exatamente esquecido, e sim deixado a minha escova de dentes em Charleston, e a ideia de comprar outra na Carolina do Norte não havia sequer passado pela minha cabeça. Sei que bebi demais na noite anterior quando acordo com os dentes vermelhos de vinho e com uma mancha de delineador embaixo dos olhos grande o suficiente para me deixar parecida com um jogador de futebol americano. O fato é que, naquela manhã em particular, eu estava com uma aparência hedionda e cheirava a curry, e se alguém tivesse colocado um dólar na minha xícara de café pensando que eu era uma sem-teto, eu teria pensado: *Ok*.

Cheguei à área de inspeção do embarque e lá estava ele: um cara ruivo, forte, de um metro e noventa e uns trinta e cinco anos. Meu primeiro beijo foi com um ruivo, então sempre tive uma quedinha por homens com cabelos avermelhados. Ele era o homem mais bonito que eu já tinha visto, e bastou dar uma conferida nele para eu ficar excitada. Uma rápida observação: ISSO NUNCA ACONTECE. Todos os dias, os homens veem mulheres passarem de saia ou jeans apertados e têm pequenas ereções, ou pelo menos ficam com um pouquinho de tesão. Mas para as mulheres é muito raro ver um cara e pensar *Minha nossaaaaaaa!* Eu me peguei olhando para ele dos pés à cabeça, tentando encontrar um pedacinho dele que não fosse igual ao do Gastão de

A Bela e a Fera, mas não achei. Só faltavam o rabo de cavalo e o laço para arrematar o penteado.

Suspirei alto, e antes de passar pelo detector de metais ele olhou para mim. Todo o meu sangue correu para a minha vagina, e sorri para ele um segundo antes de lembrar que eu estava parecendo o Bruce Vilanch (para aqueles que não sabem quem é Bruce Vilanch e estão com preguiça de procurar no Google, basta imaginar uma coruja branca de peruca loira). Passei pela segurança e fui até o meu portão de embarque — e *bum!* Lá estava ele outra vez — ainda mais sexy do que antes. Ele estava usando camiseta de gola redonda e manga longa, justa na medida exata na área do peito para mostrar o que havia ali. Era bem evidente que por baixo daquela camiseta havia um lugar onde você ia querer descansar a cabeça e respirar todos os feromônios possíveis antes que ele pegasse você de jeito como Marlon Brando em *Uma rua chamada pecado* ou Ryan Gosling em qualquer filme.

Corri até o banheiro para tentar encontrar maquiagem na minha bolsa, que é um poço sem fundo quando preciso de alguma coisa (e também no resto do tempo). Não minto quando digo que minha bolsa contém um ninho de avestruz. Nunca vou participar daquela seção “O que tem na sua bolsa?” para uma revista de celebridades, porque todo mundo veria a zona de coisas engraçadas, estranhas e nojentas que carrego e provavelmente pensaria que eu preciso ser hospitalizada. Encontrei blush e hidratante labial e pensei *Perfeito. Só preciso disto para ir de um 2 a um 4*. Olhei no espelho, vi a rosácea que havia criado e ri de mim mesma. Droga. Dobrei a calça de moletom até a panturrilha, pensando *Vamos realçar minha área mais atraente*. Escovei os dentes com o dedo e espirrei água por todo o corpo. Saí como se estivesse em uma passarela e caminhei flutuando bem na frente dele. Ele não olhou para mim nem uma vez, nem por um segundo, no terminal.

Comprei um chiclete e uma revista com Jennifer Aniston na capa e embarquei, derrotada. Fui para meu assento apertado na janela e comecei a ler que Jennifer vai morrer sozinha, o que não é justo, e lá estava ele outra vez, adentrando o avião. Passou pelo corredor e eu o observei, caminhando entre os assentos com os braços fortes e as mãos grandes segurando a mala. Fiquei pensando: *Talvez, quando ele passar, eu possa fingir um espirro... e cair no chão na frente dele... e ele vai tropeçar e cair dentro de mim.* Então vi que ele estava olhando para o assento bem ao meu lado.

Não, pensei. Sem chance de esse cara se sentar ao meu lado. Não, não, não. Mas SIM! *Preparar, apontar, fogo,* O JOGO COMEÇOU.

Nunca, jamais, converso com pessoas em aviões. Isso é uma aposta muito arriscada que já resultou em coisas como James Toback (procure no Google) me dizendo que “Você não conhece de fato uma mulher até lambe a bunda dela” antes mesmo de levantarmos voo, e uma mulher me mostrando fotos do seu pássaro morto durante três horas. Naquele voo, porém, virei para o ruivo e comecei a falar no mesmo instante.

— Oi, prazer, meu nome é Amy.

Ele sorriu, exibindo um pequeno espaço entre os dentes da frente. Um espacinho entre os dentes da frente é a coisa que eu mais amo em um homem.

— Oi, prazer, Sam — respondeu ele, com sotaque britânico.

Logo descobri que Sam era a versão britânica de um fuzileiro naval e iria passar apenas alguns dias na cidade. Eu não estava me aguentando. Era demais para mim. Me senti possuída e perdi completamente o controle sobre a minha voz, tipo Sigourney Weaver no final de *Os Caça-Fantasmas*. Eu estava no cio, como dizem. Quem diz isso? Não sei. Cale a boca e continue lendo sobre como esse super-herói britânico me pegou de jeito. Decolamos, e fingi ter muito medo de avião. Não

havia nenhuma turbulência, mas ainda assim encontrei motivos para agarrar o braço dele e enterrar o rosto em seu ombro, sentindo seu cheiro. Eu estava me atirando descaradamente para cima do cara, e nós dois começamos a rir de como eu estava sendo agressiva. Meu clitóris pulsava como *O coração revelador*, de Edgar Allan Poe, e eu não conseguia parar de pensar na música do 98 Degrees “Give Me Just One Night (Una Noche)”. Na época eu já era mais ou menos conhecida, mas ele nunca tinha ouvido falar de mim, o que foi mais uma grande vantagem. Contei que ia fazer uma apresentação naquela noite e que talvez a gente pudesse se encontrar depois. Trocamos e-mails e rezei para todos os deuses possíveis para que isso de fato acontecesse.

Já estive algumas outras vezes nesse tipo de situação em que poderia ter feito sexo casual com algum desconhecido, mas simplesmente não consegui ir até o fim. Às vezes, eram os meus instintos que me diziam para não ir em frente. Eu não me sentia segura. Mas, na maioria das vezes, decidi deixar a oportunidade passar por pura preguiça. Penso em coisas práticas do tipo *Quando vou poder ir embora para comer uma massa? Não estamos namorando, então não posso fazer coisas simples como escovar os dentes, lavar o rosto e colocar a minha máscara para dormir e tampões de ouvido. A ocasião deve ser sensual, mas pareço um Shrek loiro quando acordo. Como será na manhã seguinte? O que a gente vai dizer? Vou chamar um Uber para ele? E se ele disser alguma coisa que me magoe ou tentar transar comigo de manhã, quando nós dois sabemos que minha vagina estará com cheiro de macarrão instantâneo?* Sou pragmática e preguiçosa demais para fazer sexo casual. Penso nas consequências e não bebo mais tanto quanto bebia na faculdade.

Dito tudo isso, a situação com Sam foi diferente. Ele era muito teso, uma fantasia muito forte. Até o sotaque fazia com que ele não parecesse real. O fato de que ele voltaria para casa em outro país no

dia seguinte também não atrapalhava. No aeroporto, cada um foi para um lado diferente. Segui para o meu show e passei o tempo todo incapaz de evitar prender a respiração na esperança de ele entrar em contato. Como eu esperava, quando a apresentação acabou, recebi um e-mail dele me perguntando como tinha sido. Brinquei dizendo que eu havia sido descoberta e que agora eu faria sucesso.

Ele respondeu: “Quem descobriu você?”

Escrevi: “Um mágico. Vou ser assistente dele.” Achei esse comentário muito engraçado.

Ele escreveu: “Ele vai serrar você no meio?”

Respondi: “Na verdade, queria que você fizesse isso.”

BUM! Foi a coisa mais sexualmente agressiva, apesar de verdadeira, que já escrevi. E deu certo.

Combinamos de nos encontrar na boate do meu hotel. Tomamos metade de uma cerveja, dançamos ao som de Ice Cube e saímos. Atravessar o saguão iluminado e entrar no elevador à meia-luz deu um toque de realidade ao encontro sensual que estávamos planejando ter. No elevador, eis as coisas que me passavam pela cabeça: *Me come me come me come me come me come.*

Naquela época, eu estava precisando muito de uma dose de confiança sexual. Pouco tempo antes, eu havia descoberto que um ex-namorado — um cara que por quem eu passara um bom tempo apaixonada — era gay. Já fazia um tempo desde que a gente tinha terminado, mas ainda assim fiquei com o coração partido quando ele se assumiu para mim. E isso fez com que eu começasse a me questionar. Aquela pessoa que fez com que eu me sentisse bonita e sexy por tanto tempo sentia atração por homens. Pensei: *Será que eu pareço um homem?* À medida que você vai amadurecendo e se tornando mais sábia, a confiança começa a vir do seu interior, e não da pessoa com quem você está transando. Mas, naquele momento da minha vida, descobrir que o meu ex era

gay foi difícil para mim. Eu estava tendo dificuldade para me sentir um ser sexual e vinha questionando meu verdadeiro valor.

E então Sam entra em cena — um homem lindo, viril, que mais parecia uma fantasia. A velocidade do elevador em que subimos até o meu andar nunca seria suficiente para mim.

Chegamos ao meu quarto, um ambiente com cara de escritório, e não perdemos tempo.

Larguei minha bolsa, nos despimos até ficar só de roupa de baixo e fomos para a cama. Não havia dúvidas sobre o que faríamos ali. Nós dois tínhamos o mesmo objetivo em mente: devorar o outro. *Ecaaaa*, eu sei, sinto muito. Mas é verdade. Tudo parecia perfeito. Beijá-lo era perfeito. O corpo dele era perfeito. Fomos com tudo. Não posso transformar este livro em *Cinquenta tons de cinza* e escrever um parágrafo sensual, então vou contar só alguns fatos. Nós dois fomos muito generosos (com sexo oral). Nenhum dos dois conseguia acreditar no que estava acontecendo (gozamos muito). Ele se mostrou muito grato e animado (houve um momento em que nos cumprimentamos com um *high five*). Foi incrível (o sexo, não o *high five*). Naquele momento, pouco depois de ter descoberto que o cara com quem eu mais havia transado num passado recente sentia atração por homens, a sensação de ser tomada nos braços por aquele ser celestial que fez com que eu me sentisse desejada e linda foi maravilhosa. O sexo foi perfeito. Ele foi perfeito. Nós dois estávamos em êxtase, aproveitando e saboreando cada cheiro, cada som, cada toque.

Quando enfim terminamos, eu disse que havia sido um grande prazer conhecê-lo e lhe desejei sorte em tudo o que fizesse. Ele não conseguia acreditar que eu não queria que ele ficasse. Tanto não conseguiu que ficou, e transamos pelo menos mais três vezes, com pequenos intervalos cheios de carinho em que contamos histórias, rimos e nos abraçamos.

No fim das contas, eu disse que era hora de ele ir. Eu parecia estar encarando bem a ideia de transar com um estranho, mas dormir ao lado dele seria intimidade demais. Ele tentou fazer planos para o futuro, mas eu deixei claro que queria que ficássemos apenas naquela noite. Eu disse que tinha sido perfeito e que nunca voltaria a fazer sexo casual com um desconhecido, porque nada jamais chegaria aos pés daquilo. Nos despedimos com um beijo, e eu fui dormir com um enorme sorriso no rosto, pensando *Obrigada*.

Estou ciente de que uma das melhores coisas da minha vida foi essa noitada de sexo casual em Tampa. Mas me senti como Marlene Dietrich em *Marrocos*. Quero deixar claro que não estou propondo que todo mundo se limite a apenas *uma* transa casual na vida. Não, não, não, muito pelo contrário: muitos de nós se sairiam melhor se só fizessem sexo casual pelo resto da vida. No meu caso, porém, esse encontro caiu no meu colo quando eu não estava me sentindo muito atraente para os homens. Ou sensual de um modo geral. Queria algo que me desse uma lufada de segurança, e uma noite de sexo inesperado com um ruivo inglês forte foi a azitromicina de que eu precisava para me livrar de qualquer secreção remanescente. (Será que existe uma metáfora menos sexy? Não. Além disso, acho que esse antibiótico nunca faz efeito.)

Todos sabemos que uma transa casual não é a cura para um coração partido e autoestima baixa. Na verdade, pode ter o efeito inverso. Todo mundo já fez sexo na intenção de que isso funcionasse como um paliativo e depois acabou se sentindo mais solitário e correndo de volta para o babaca que havia sido largado após muito esforço. Mas às vezes uma transa casual pode resolver um problema específico. E, o que é melhor ainda, às vezes, quando está tentando resolver um problema relacionado a sexo, você acaba descobrindo que o sexo é a própria recompensa. Nenhuma lição a ser aprendida. Nenhum objetivo

além de diversão. E ocasionalmente muitos orgasmos merecidos proporcionados por um cara que a olha como se você fosse o almoço dele no exato momento em que era disso mesmo que você precisava. Podemos criar um Dia Nacional do Ruivo? Aquele cara merece uma parada cívica ou algo do tipo.

Ele entrou em contato comigo mais algumas vezes quando voltou a visitar os Estados Unidos, mas mantive o compromisso de preservar aquela que foi estranhamente a noite mais pura da minha vida. E continua sendo.



ISBN 978-85-510-0084-7



9 788551 000847

www.intrinseca.com.br